

**Dioneu M. Gomes**  
(*Departamento de Linguística,*  
*Universidade de Brasília*)

## **Classificação nominal em Mundurukú: forma, função e tipologia**

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to present the names that can be used in a classifier function in Munduruku language (Munduruku family, Tupi branch). Here we present their properties, nature and functions. In the last part of the text, we compare the Munduruku nominal classification system with some typological proposals: Grinevald and Seifart (2004) – for nominal classification systems of Amazonian and African languages – and others authors (Aikhenvald 2000; Allan 1977; Deny 1976; Derbyshire & Payne 1990; Dixon 1986; Dixon and Aikhenvald 1999; Mithun 1986).

**KEYWORDS:** Classifiers; Names in a classifier function; Amazonian languages; Munduruku; Typology.

**RESUMO:** Este artigo tem por finalidade apresentar os nomes que são passíveis de ser usados como classificadores na língua Mundurukú (família Mundurukú, tronco Tupí). Aqui discutimos as suas características, sua natureza e sua função. Pretendemos mostrar também a sua real amplitude. Além disso, na última parte deste texto também confrontamos a situação do Mundurukú com as tipologias propostas por Grinevald e Seifart (2004) – para os sistemas de classificação nominal nas línguas amazônicas e africanas – e por outros autores (Aikhenvald 2000; Allan 1977; Deny 1976; Derbyshire e Payne 1990; Dixon 1986; Dixon e Aikhenvald 1999; Mithun 1986).

**PALAVRAS-CHAVE:** Classificadores; Nomes em função classificadora; Línguas amazônicas; Mundurukú; Tipologia.

### **1. NOMES EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA (NFC)**

Há um conjunto de nomes que revelam uma função classificadora em Mundurukú. Todos eles são nomes de partes e, portanto, de posse inalienável. Como classificadores, dizem respeito à *forma* do objeto designado. O quadro (1) a seguir traz uma lista desses nomes, não exaustiva, mas bem representativa:

Quadro 1 - Nomes em função classificadora (NFC): forma e função

NFC	significado primitivo	significado derivado	exemplos de nomes classificados					
			animal		vegetal		outros	
- <i>bu</i> <sup>1</sup>	'dedo'	cilíndrico flexível	<i>pyu bu</i> <i>xek pu</i>	'cobra' 'lagarta'	<i>ixi bu</i>	'cipó'	<i>wayòm pu</i> <i>korda bu</i>	'tipiti' 'corda'
- <i>a</i>	'cabeça'	arredondado	<i>sarakay 'a</i> <i>watão 'a</i>	'tracajá' 'bem-te-vi'	<i>mãka 'a</i> (?) <sup>2</sup>	'manga' (esferoide da mangueira)	<i>uk 'a</i> <i>wita 'a</i> <i>co 'a</i> <i>beyo 'a</i> <i>-küim 'a</i> <i>xat 'a</i> (?) <i>tumün 'a</i> (?)	'casa' 'pedra' 'morro' 'beiju' 'tórax' 'esferoide comida' 'esferoide coisa'
- <i>uk</i>	'barriga'	oco					<i>kio 'uk</i> <i>mãgera 'uk</i>  <i>-bubu 'uk</i> (?)	'flauta' 'mangueira' (de água)  'coisa oca de alguém' (como uma flauta)
<i>dup</i>	'folha'	folíforme	<i>warepupu</i> <i>dup</i> <i>iwäp tup</i>	'borboleta' 'arraia'	<i>ako dup</i> (?)	'folha da bananeira'	<i>koykoy dup</i>	'remo'
<i>da</i>	'semente'	graniforme	<i>poro da</i>	'carrapato'	<i>kape da</i> (?)	'grão de café'	<i>bõbõx ta</i> <i>coğpu da</i> <i>-kü m ta</i> <i>xa(t)ta</i> (?)	'bombom' 'miçanga' 'mamiló' 'graniforme comida'
- <i>ip</i>	'pau'	em forma de pau/bastão			<i>ako 'ip</i> (?)	'pé da bananeira'	<i>rapi 'ip</i> <i>kaneta 'ip</i>	'lápís' 'caneta'

Como o quadro (1) permite perceber, o uso de nomes em função classificadora (doravante **NFC**) faz-se presente com nomes de animais, vegetais e outros elementos do mundo cultural dos mundurukú, inclusive os empréstimos do Português incorporados a ele, como “bombom” (*bõbõx ta*), “mangueira (d’água)” (*mãgera 'uk*), “lápís” (*rapi 'ip*), ou da Língua Geral Amazônica, como “beiju” (*beyo 'a*) (o nome nativo deste é *xĩn*).

A natureza desses NFC é bastante clara: são nomes de partes, sejam de partes do corpo animal (-*bu* ‘dedo’, -*a* ‘cabeça’, -*uk* ‘barriga’), sejam de partes do corpo vegetal (*dup* ‘folha’, *da* ‘semente, grão’, -*ip* ‘pau, caule’). Esses nomes de partes são plenamente usados na língua em seu sentido primitivo: *Biboy bu* ‘dedo de Biboy’, *ako dup* ‘folha da bananeira’, *daxa 'ip* ‘lenha’ (lit. ‘pau de fogo’).<sup>3</sup>

<sup>1</sup> **Grafemas e correspondências fonológicas:** **c, j** correspondem aos fonemas palatais /tʃ/ e /dʒ/, respectivamente. **ḡ** corresponde ao fonema /ŋ/, o qual em fim de sílaba, após vogal nasal, é realizado como [N], e após vogal oral, [gn]; **e**, em início de sílaba, [ɲ]. **ʔ** corresponde ao fonema oclusivo glotal /ʔ/. **m** corresponde ao fonema nasal /m/, que após vogal oral é [bm] em final de sílaba e, nos demais ambientes, é [m]. **n** corresponde ao fonema nasal /n/, que após vogal oral é [dn] em final de sílaba e, nos demais ambientes, é [n]. **r** corresponde ao fonema alveolar /r/ em qualquer ambiente. **w, y** correspondem aos fonemas assilábicos /w/ e /y/, respectivamente. **x** corresponde ao fonema fricativo palatal /ʃ/. **o** corresponde ao fonema vocálico posterior alto /o/, que varia entre [o] e [u]. **u** corresponde ao fonema vocálico central médio /ø/.

<sup>2</sup> Conforme veremos, os termos acompanhados de “(?)” nesta tabela não são exemplos de nomes em função classificadora, uma vez que estabelecem uma relação de parte-todo com seus modificadores.

<sup>3</sup> O fato de nomes em função classificadora terem sua origem facilmente identificável nos leva a crer que essa função desempenhada por eles é recente na língua, se nossa análise seguir a tipologia proposta por Grinevald (2002) e Grinevald & Seifart (2004), como veremos na seção 4 deste artigo.

O que destacamos aqui é o uso derivado desses nomes em função classificadora: *puy bu* ‘cobra’, *warepupu dup* ‘borboleta’ e *kaneta ip* ‘caneta’. Nesses exemplos, não estão em jogo os significados primitivos ‘dedo’, ‘folha’ e ‘pau’, mas os significados derivados ‘comprido e flexível’, ‘foliforme’ e ‘em forma de pau/bastão’, respectivamente. Tem-se aí um uso classificatório desses nomes.

Na análise que propomos, os nomes de partes presentes nos exemplos a seguir, marcados com interrogação na tabela, **não** estariam em função classificadora: *māka* ‘a ‘manga’ (o esferoide da mangueira)’, *muyao* ‘a ‘goiaba (o esferoide da goiabeira)’, *ako dup* ‘a folha da bananeira’, *ako ip* ‘o pé/caule da bananeira’, *kape da* ‘o grão de café’. Voltamos a esse assunto na seção 1.3.

O uso de nomes em função classificadora não tem um caráter sistemático. Uma questão importante é identificar a sua real amplitude; neste trabalho, procuramos mostrar que o sistema é **bem menos extenso** do que admitido em análises anteriores sobre a língua (Crofts 1971, 1973, 1985, Gonçalves 1987, Nunes 2000, Picanço 2003, Martines 2007)<sup>4</sup>. Antes de mais nada, não se pode falar em uma classe específica de nomes classificadores. Existem, sim, nomes inalienáveis que podem ser usados em função classificadora, mas não uma classe morfológica que desempenhe exclusivamente essa função. A fim de se determinar o seu real alcance, fazemos a seguir uma descrição da morfologia (seção 1.1), da sintaxe (seção 1.2) e da semântica desses nomes (seção 1.3).

### 1.1. A morfologia dos nomes em função classificadora

Os NFC são inalienáveis e, como qualquer outro nome desse tipo, tomam os prefixos relacionais de contiguidade (R1) e não-contiguidade (R2)<sup>5</sup>, respectivamente Ø- e *i-* (e alomorfes) (classe I, exemplo A) ou Ø- e *t-* (classe II, exemplo B):

(A)	<b>“ēn tu Ø-bu</b>	<b>e=su-bu-aoka?”</b>	<b>“ōn i- bu Ø-aoka.ka-m”</b>
	você INT <u>RI</u> -NFC	2=R2-NFC.PRF	eu <u>R2</u> -NFCRI-matar.DUR-IPRF
	‘Você matou a cobra?’		‘Eu a estou matando’
(B)	<b>warepupu dup</b>	<b>o’=tup-’at</b>	
	borboleta <u>R1</u> .NFC	3S= <u>R2</u> .NFC-cair.PRF	
	‘A borboleta caiu’		

Mesmo em função classificadora (exemplo C abaixo), esses nomes não apresentam nenhum traço morfológico diferenciado daqueles apresentados quando não estão exercendo uma função classificadora (exemplo D) (cf. também exemplos (1a-b) e (2a-b) após o quadro 3).

<sup>4</sup> Em Gomes (2006), analisamos minuciosamente as propostas desses autores, com exceção de Martines (2007), o qual é posterior à nossa análise, mas não acrescenta nada diferente dessas propostas.

<sup>5</sup> “Na literatura sobre línguas indígenas brasileiras, tem-se chamado de *prefixos relacionais* morfemas que, na descrição de Rodrigues (1990b), ‘marcariam a contiguidade ou a não-contiguidade de um genitivo antes de um nome, um sujeito antes de um verbo descritivo, um objeto direto antes de um verbo transitivo e de um nome antes de uma posposição, ou seja, um dependente antes de um núcleo’. De um modo geral, nomes, verbos e posposições compartilham essa propriedade flexional. Tal processo morfossintático, com alta frequência de ocorrência, consiste na marcação da dependência de um determinante (um nome dependente) em relação ao núcleo de uma construção sintática, por meio de prefixos flexionais acrescentados ao núcleo.” (Gomes, 2006:31)

Quadro 2 – Comparação entre o uso classificatório e o uso não-classificatório de um nome

	Classe I		Classe II		
(C)	<i>puy</i>	$\emptyset$ - <i>bu</i> <i>i-bu</i>	'cobra' 'cobra'	<i>warepupu dup</i> <i>tup</i>	'borboleta' 'borboleta'
(D)	<i>Biboy</i>	$\emptyset$ - <i>bu</i> <i>i-bu</i>	'dedo de Biboy' 'dedo dele'	<i>ako dup</i> <i>tup</i>	'folha de bananeira' 'folha dela' <sup>6</sup>

Existem alguns nomes de partes do corpo, sobretudo humano, que são *compostos* com um NFC. Esses nomes não têm a morfologia relacional apresentada acima, uma vez que perderam completamente sua independência morfológica. Quando ocorre incorporação, por exemplo, é o composto por inteiro que se incorpora, diferentemente dos nomes apresentados anteriormente, dos quais é só o NFC que se incorpora. A seguir, exemplificamos alguns dos compostos com NFC:

Quadro 3 – NFC em composição com partes do corpo

a) <b>-a</b>	'cabeça' = 'arredondado'
<i>-a'õpi'a</i>	'ombro'
<i>-kũm'a</i>	'tórax'
<i>-ũg'a</i>	'joelho'
<i>-ukpi'a</i>	'nádega superior'
b) <b>-bu/-pu'</b>	'mão, dedo' = 'cilíndrico e flexível'
<i>-aãõbu</i>	'pescoço'
<i>cekũ rũrũkpu</i>	'veia'
<i>toaybu</i>	'rabo, cauda'
<i>tũnpu</i>	'intestino'
<i>tũnsabu</i>	'curva da perna' (região atrás do joelho)
<i>-ukpu</i>	'cintura'
c) <b>da / ta</b>	'semente, grão' = 'graniforme'
<i>-a'õxabida</i>	'coração'
<i>-akpida</i>	'cangote' ( <i>-akpi</i> 'nuca'; <i>-akpi-dao</i> 'espinhaço superior')
<i>-basũnũda</i>	'cotovelo'
<i>-kũmta</i>	'mamilo' (lit. 'grão do peito')
<i>tada</i>	'estômago'
<i>taxibada</i>	'saco escrotal'
<i>-ũg'ada</i>	'rótula' (lit. 'grão do joelho')
d) <b>ta</b>	'olho' = 'em forma de olho'
<i>-uk-pi-ta</i>	'ânus' (lit. 'barriga -interior-olho 'olho do interior da barriga')

<sup>6</sup> As formas *i-bu* e *tup* são usadas anafóricamente. Esse uso é discutido em Gomes (2006, capítulo 6, seção 6.8) e também em Gomes (2007).

<sup>7</sup> A forma sonora ocorre após vogal, e a surda, após consoante. O mesmo vale para *da/ta* 'semente, grão, graniforme'.

## 1.2. A sintaxe dos nomes em função classificadora

Nomes em função classificadora que não estão em composição constituem um sintagma de natureza possessiva, em que exercem a função de núcleo:

- (a) **[[puy] Ø-bu] i-bu-pakpak**  
 cobra R1-NFC R2-NFC-ser.vermelho  
 ‘A cobra é vermelha’
- (1b) **[[Biboy] Ø-bu] i-bu-pakpak**  
 Biboy R1-dedo R2-dedo-ser.vermelho  
 ‘O dedo de Biboy está vermelho’
- (2a) **[[warepupu] dup] o’=tup-’at**  
 Borboleta R1.NFC 3S=R2.NFC-cair.PRF  
 ‘A borboleta caiu’
- (2b) **[[ako] dup] o’=tup-’at**  
 bananeira R1.folha 3S=R2.folha-cair.PRF  
 ‘A folha da bananeira caiu’

Em termos de estrutura interna do sintagma nominal, não há diferença entre o uso de um nome em função classificadora e o uso desse mesmo nome em função não-classificadora: em *puy bu* (1a) e *warepupu dup* (2a), existe a mesma relação hierárquica interna que se encontra em *Biboy bu* (1b) e *ako dup* (2b), embora, nos primeiros, *bu* e *dup* estejam desempenhando função classificadora, informando sobre a *forma* da coisa em questão. A diferença, então, reside em um outro contexto sintático – a incorporação por subida – e também em um plano semântico, os quais serão explicados mais à frente. Antes disso, vamos mostrar os contextos de combinação de um NFC com outros elementos da língua.

Os NFC, com verbos, formam compostos. Por outro lado, constituem sintagmas com pronomes quantificadores (numerais, indefinidos), pronomes demonstrativos, nominalizações e até com outros nomes inalienáveis. Essa propriedade sintática não é, porém, exclusividade deles, uma vez que qualquer raiz inalienável pode participar dessas mesmas combinações com verbos e nomes (cf. Gomes 2008).

### 1.2.1. Combinação de NFC com verbos

No exemplo (3) abaixo, o nome *-bu*, presente no objeto, é incorporado por repetição no verbo transitivo *-aoka* ‘matar’. O resultado dessa incorporação é um composto, *-bu-aoka* ‘objeto.cilíndrico.flexível-matar’, estando o escopo semântico do verbo determinado por essa operação sintática.

- (3) **bekicat [[puy] Ø-bu] [o’=su-bu-aoka]**  
 Menino cobra R1-NFC 3S=R2-NFC-matar  
 ‘O menino matou a cobra’

### 1.2.2. Combinação de NFC com numerais

Todo nome em Mundurukú pode ser modificado por um numeral (ou por qualquer outro pronome quantificador), esteja este nome em função classificadora ou não. O sintagma *uk* ‘a ‘casa’, em (4), traz o NFC ‘a ‘coisa redonda’. O numeral *puḡ* ‘um, unitário’ combina-se com ele, constituindo um sintagma nominal, em que *puḡ* é dependente e ‘a é núcleo. O NFC ‘a, nesse caso, refere-se fornicamente ao todo *uk* ‘a. O resultado é o sintagma nominal [[*puḡ*] ‘a] ‘a redondeza unitária’<sup>8</sup>.

- (4) **imēn-puye**                    **200**    **∅-be**                    **wuyjuyũ**                    *puḡ*    **∅-’a**  
 assim-porque                    200    R1-em                    gente                    um    R1-NFC  
**uk**    **∅-’a**                    **∅-be**  
 casa    R1-NFC                    R1-em  
 ‘Por isso, moravam 200 pessoas em uma casa’  
 (lit. ‘Por isso, moravam 200 pessoas em uma redondeza habitacional (que era)  
 uma só redondeza unitária’).

### 1.2.3. Combinação de NFC com pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos comportam-se da mesma maneira que os numerais (pronomes quantificadores). No exemplo (5), o demonstrativo *iḡo*, por se referir a um objeto que toma um NFC, *iḡḡ* ‘a ‘panela’, também se combina com esse nome: *iḡo* ‘a.<sup>9</sup>

- (5) **iḡo**                    **∅-’a**                    **iḡḡ**                    **∅-’a**                    **o’=y-a-’at**  
 aquela                    R1-NFC                    panela                    R1-NFC                    3S=R2-NFC-cair.PRF  
 ‘Aquelela panela caiu’  
 (lit. ‘Aquelela redondeza, a redondeza panela, caiu’)

### 1.2.4. Combinação de NFC com nomes descritivos

Nomes descritivos como ‘*it’it* ‘o pequeno’ e *xixi* ‘o grande’<sup>10</sup> também se combinam com o mesmo NFC que esteja integrando um outro sintagma ao qual eles atribuem o valor de ‘pequeno’ ou ‘grande’. No exemplo (6a), *wa’i* ‘a ‘balde’ é descrito como ‘pequeno’, ‘*it’it* ‘a. No exemplo (6b), *uk* ‘a ‘casa’ é qualificada como *xixi* ‘a ‘grande’<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> A relação entre *puḡ* ‘a e *uk* ‘a é de natureza apositiva, sendo que cada um constitui um sintagma próprio e correferencial com o outro.

<sup>9</sup> Assim como os numerais, os demonstrativos combinados com um NFC podem vir antes ou depois dos nomes com um NFC, e até sozinhos em uma oração. Também aqui a relação entre [demonstrativo+NFC] e [nome + NFC] é de justaposição.

<sup>10</sup> *xixi* e ‘*it’it* são formas reduplicadas de *xi* ‘mãe’ e ‘*it* ‘filho’.

<sup>11</sup> Como ocorre com numerais e demonstrativos, os nomes descritivos combinados com um NFC não formam um sintagma com o nome modificado por esse NFC, pois também aqui existe uma relação de aposição entre eles: [wa’i ‘a] [‘it’it ‘a].

- (6a) **wa'i**      **Ø-'a**      **'it'it Ø-'a**      **Ø-kuḡ**      **o'=ju**  
 balde      R1-NFC      pequeno R1-NFC      R1-com      3S=ir.PRF  
 'Ela foi com um baldezinho'  
 (lit. 'Ela foi com a redondeza balde, a redondeza pequena')
- (6b) **o=Ø-bure**      **o=Ø-webe**      **ayacã-yũ**      **o'=ju**      **uk**  
 1=R1-amigo      1=R1-para      mulher-PL      3S=ir.PRF      casa  
**Ø-'a**      **xixi**      **Ø-'a**      **Ø-be**  
 R1-NFC      grand      R1-NFC      R1-para  
 'Meu amigo me disse que as mulheres foram para a casa grande'  
 (lit. Meu amigo me disse que as mulheres foram para a redondeza casa, a redondeza grande')

### 1.2.5. Combinação de NFC com verbo nominalizado

Um verbo nominalizado que se refere a um SN cujo núcleo é um NFC combina-se com esse NFC, tanto como verbo, quanto como nome. Esse fato revela uma sequência na aplicação das regras morfológicas. Primeiramente, antes da nominalização, o NFC incorpora-se no verbo à esquerda, conforme se mostrou acima (exemplos 1a-b, 2a-b, 3 e 5): [nome+NFC]<sub>absolutivo</sub> [NFC+verbo]. Após a nominalização, o composto nominal NFC+verbo+NMZ entra como modificador do NFC em um sintagma nominal: [[NFC+verbo+NMZ] R1-NFC]. Esse resultado, por sua vez, funciona como um aposto do nome que tem o NFC originalmente:

- (7) **uk**      **Ø-'a,**      **y-a-dip-at**      **Ø-'a,**  
 casa      R1-NFC      R2-NFC-ser.bonito-NMZ      R1-NFC  
**Biboy**      **d-uk**      **Ø-'a**  
 Biboy      R1-casa      R1-NFC  
 'Aquela casa bonita é a casa do Biboy'  
 (lit.: 'A redondeza casa, a redondeza que é bonita redondeza, é a redondeza casa do Biboy')

No exemplo (7), o verbo *dip* 'ser bonito' incorpora inicialmente o NFC *-'a* 'arredondado', formando *-a-dip* 'arredondado-ser.bonito'. Em um segundo momento, após ser nominalizado por *-at*, o agora nome *-a-dip-at* torna-se modificador do NFC *'a*, tendo como resultado o SN [[-a-dip-at] Ø-'a], mesmo resultado encontrado com os pronomes quantificadores (numerais, indefinidos) e pronomes demonstrativos.

### 1.2.6. Combinação de um NFC com nomes também inalienáveis

Identificamos ainda a combinação entre um NFC e um nome inalienável. Os exemplos (8a) e (8b) mostram esse fato.

- (8a) **i-pot**      **Ø-pu**      **bit**      **deim**      **o'=su-bu-kop**  
 R2-filho      R1-NFC      contraste      rio.abaxio      3S=R2-NFC-descer.PRF  
 'Mas o seu cobra-filho tinha se mudado para o rio abaixo'  
 (*pu* refere-se a *puy bu* 'cobra', citado anteriormente no texto)

- (8b) **kuy i-to(p) Ø-pu i-kipit**  
 Já R2-marido R1-NFC R2-irmão  
**o'=su-bu-aoka io'e**  
 3S=R2-NFC-matar.PRF diz.que  
 'O irmão já matou o seu cobra-marido – dizem'  
 (*pu* refere-se a *puy bu* 'cobra', citado anteriormente no texto)

As combinações acima apresentadas têm sido tratadas como concordância (Crofts 1985, Gonçalves 1987, Picanço 2003, Martines 2007), interpretação **não** adotada neste trabalho, uma vez que: i) os classificadores não são partículas ou sufixos e ii) o resultado da combinação entre verbos e NFC é um composto, e entre nomes e NFC é um sintagma nominal, em que o NFC é núcleo. Em seu lugar, vamos falar, com relação aos verbos, em *incorporação por repetição* ou *incorporação por subida* (cf. Gomes 2006; 2008); e, com relação aos numerais, demonstrativos, nomes descritivos, nominalizações e nomes inalienáveis, vamos falar em *retomada anafórica de SN* (cf. Gomes 2007). Em relação a este último, por exemplo, uma vez que o sintagma *puy bu* 'cobra' esteja na cena discursiva (ou mesmo na cabeça dos interlocutores), o *-bu* pode ser usado em seu lugar, como um elemento anafórico: *i-bu* 'cobra', *iño bu* 'aquela cobra', *xepxep pu* 'duas cobras', *ibu aokam* 'matará a cobra'.

Os NFC combinam-se com os nomes (também demonstrativos e numerais) à direita (cf. exemplos 1a-b, 2a-b, 3, 4, 5, 6a-b, 7, 8a-b), sendo seu núcleo sintático; enquanto a sua incorporação nos verbos dá-se à esquerda (cf. exemplos em 1a-b, 2a-b, 3, 5, 7, 8a-b), sendo esse um dos traços de diferenciação entre essas classes de palavras.

A incorporação dos NFC nos verbos dá-se numa linha absoluta (cf. exemplo com objeto direto em (2a-b), (3), (8b) (4) e (7b), e com sujeito de intransitivo em (1a-b), (5), (8a)); portanto, não atinge sujeito de verbo transitivo nem adjuntos ou circunstâncias.

### 1.2.7. Sintaxe dos nomes em função classificadora: a impossibilidade de incorporação por subida<sup>12</sup>

Em Mundurukú, a incorporação por subida compreende a migração do núcleo de um sintagma nominal para um sintagma verbal, tendo como resultado um composto (cf. Gomes 2006; 2008). É o que se vê no exemplo (9b) quando o comparamos ao exemplo (9a) abaixo:

- (9a) **bekicat [[Biboy] Ø-bu] [o'=su-bu-dakat]**  
 menino Biboy R1-dedo 3S=R2-dedo-cortar.PRF  
 'O menino cortou o dedo do Biboy'
- (9b) **bekicat [Biboy] [o'=su-bu-dakat]**  
 Menino Biboy 3S=R2-dedo-cortar.PRF  
 'O menino cortou o Biboy no dedo'

<sup>12</sup> Aqui, cabe uma observação: assumo que as relações gramaticais estão hierarquizadas (cf. Givón, Comrie, Keenan, entre outros); "subida" ou "promoção" para mim significa que um argumento se expressa em uma posição mais alta na hierarquia das relações gramaticais.



O resultado sintático da incorporação em (9b) é a promoção do possuidor para a função de argumento, nesse caso argumento objeto direto. Essa promoção evidencia a subida do possuidor para uma posição hierarquicamente mais alta na estrutura sintática.

(9a), por sua vez, é um exemplo de incorporação por repetição. Qualquer nome inalienável em Mundurukú é passível de ser incorporado no SV desde que atendidas algumas condições (cf. Gomes 2006, 2008).

Uma vez que um nome inalienável esteja sendo usado com função classificadora, ele só se incorporará por repetição (10a),<sup>13</sup> ficando impossibilitado de incorporar-se por subida, como mostra o exemplo (10b) abaixo:

(10a) **bekicat            puy    Ø-bu            [o'=su-bu-aoka]**  
           menino            cobra   R1-NFC            3S=R2-NFC-matar.PRF  
           ‘O menino matou a cobra’

(10b) **\*bekicat            puy    [o'=su-bu-aoka]**  
           menino            cobra   3S=R2-NFC-matar.PRF  
           ‘O menino matou a cobra’

A partir do critério de incorporação, questionamos o valor classificatório atribuído aos nomes de parte de vegetais, tendo em vista que todos eles se incorporam por repetição (11a) e por subida (11b), fato que não atinge nomes em função classificadora (cf. 10b):

(11a) **bekicat            ako            Ø-ba            o'=su-ba-'o**  
           criança            bananeira    R1-cilindro.rígido    3S=R2-cilindro.rígido-comer.PRF  
           ‘A criança comeu a banana’  
           (lit. ‘A criança comeu a coisa cilíndrica e rígida da bananeira’)

(11b) **bekicat            ako            o'=su-ba-'o**  
           criança            bananeira    3S=R2-cilindro.rígido-comer.PRF  
           ‘A criança comeu a banana’  
           (lit. ‘A criança comeu a coisa em forma de cilindro rígido da bananeira’)

<sup>13</sup> Todavia, conforme apresentamos em Gomes (2006, 2008), nomes **sem** função classificadora acionam menos frequentemente a incorporação por repetição que nomes em função classificadora:

(a) **bio            Ø-xep            o'=ju-'uk**  
           anta            R1-gordura            3S=R2-tirar  
    **sem incorporação**  
           ‘Tirou gordura da anta’(b)

(b) **bio            Ø-xep            o'=su-xep-'uk**  
           anta            R1-gordura            3S=R2-gordura-tirar  
    **com incorporação por repetição**  
           ‘Tirou gordura da anta’

Diferentemente de *ako ba*, em que *-ba* tem de dar lugar a outro núcleo para se constituir uma nova palavra (*ako 'ip* ‘pau da bananeira’, por exemplo), dados em que o núcleo tem função classificadora de fato conservam esse núcleo na formação de sintagmas mais complexos, como mostram dados do tipo *xek pu 'ip* ‘pau de lagartas’:

[[[*xek*]  $\emptyset$ -*pu*]  $\emptyset$ -*ip*] X \**ako ba 'ip*.

Em *xek pu* ‘lagarta’, *-pu* é um NFC, que carrega a noção de ‘comprido e flexível’, e não é nome de parte nesse caso, sendo mantido em sintagmas mais complexos. Inversamente, não consideramos *-ba* um NFC, uma vez que não se mantém em sintagmas mais complexos, que não envolvam diretamente a fruta: *ako 'ip* ‘pau da bananeira’, *ako dup* ‘folha da bananeira’, *ako dot* ‘cacho da bananeira’. *-ba* é, portanto, nome de parte e não um classificador.

Dito isso, a análise que fazemos de dados do tipo *ako ba* ‘cilindro rígido da bananeira’, *ako dup* ‘folha da bananeira’, *ako 'ip* ‘caule da bananeira’ **não** toma o nome à direita como estando em função classificadora, visto que todos esses podem ser incorporados por subida. Essa análise vai se aplicar a qualquer contexto em que a relação semântica entre os nomes é do tipo “todo-parte”, como se explica na seção a seguir. Entender a natureza semântica de *ako* frente à natureza semântica de *puy* também é fundamental para compreender as diferentes relações morfosintáticas e semânticas estabelecidas pelos nomes inalienáveis que se combinam com cada um deles. O primeiro, *ako*, tem autonomia lexical. Já o segundo, *puy*, não tem.

### 1.3. A semântica dos nomes em função classificadora

A função básica de um nome que esteja sendo usado em função classificadora é indicar um traço saliente da **forma** do objeto/animal/vegetal, conforme os exemplos já apresentados permitem perceber.<sup>14</sup> Propomos aqui um **contraste** entre nomes em função classificadora e nomes sem essa função. Os primeiros comportam-se como modificadores de um nome, cuja ocorrência independente não é possível: \**puy* X *puy bu*. Já os segundos indicam a parte de um todo, em sentido literal ou metafórico, sendo a ocorrência livre do todo atestada na língua: *Biboy* X *Biboy ba* ‘braço do Biboy’ (*-ba* usado em sentido literal) ou *ako* ‘bananeira’ X *ako ba* ‘braço (ou cilindro rígido) da bananeira’ (*-ba* usado em sentido metafórico).

Os NFC mantêm uma relação semântica de **modificado-modificador** com o nome com o qual se combinam, sendo este nome **baixo em referência**, uma vez que não tem autonomia lexical. Comparando-se os usos de *puy bu* ‘cobra’ e *Biboy bu* ‘dedo do Biboy’, atestamos que não existe *puy* sozinho, enquanto *Biboy* ocorre livremente. Isso porque *puy* não tem autonomia lexical. Em *Biboy bu*, este último não é um NFC; é apenas um nome de parte:

A. [[*puy*]  $\emptyset$ -*bu*] = [[*cobra*] R1-cilíndrico.flexível.como.o.dedo] ‘cobra’  
 (-*bu* = usado em função classificadora)  
 X

<sup>14</sup> Se seguirmos a tipologia de Allan (1977), enquadram-se na categoria *shape*. Na de Deny (1976), promovem uma interação física com os nomes.

- B. [[Biboy]  $\emptyset$ -bu] = [[Biboy] R1-dedo] 'dedo do Biboy'  
 (-bu = usado sem função classificadora)

Os nomes **sem** função classificadora mantêm uma relação semântica de **todo-parte** com o nome com o qual se combinam, sendo este nome **alto em referência**, uma vez que tem autonomia lexical. Esse raciocínio vale para os nomes de parte de vegetal, **não** considerados aqui classificadores:

- C. [[ako]  $\emptyset$ -ba] = [[bananeira] R1-cilindro.rígido]  
 'o cilindro.rígido da bananeira' = 'banana da bananeira'

Os NFC, como *-bu* em *puy bu* 'cobra', não têm referência. Já nomes **sem** função classificadora, como *-bu* em *Biboy bu* 'dedo do Biboy' e *-ba* em *ako ba* 'cilindro rígido da bananeira', têm referência, tem valor lexical. No caso de *puy bu*, *-bu* pode ser substituído por outro modificador, mas o referente continua sendo uma "cobra". É o que acontece em *puy-xiri* 'sucuri', pois *xiri* (grande) satura a identificação de *puy*; uma diferença importante entre *bu* e *-xiri* é que o primeiro participa de processos de incorporação por repetição e retomada anafórica, enquanto o último não, uma vez que *-xiri* é apenas um sufixo.

Assim, em *puy bu* 'cobra', temos um classificador, mas em *Biboy bu* 'dedo de Biboy', *ako ba* 'braço ou cilindro.rígido da bananeira' ('banana') não temos. Identificamos, ainda, uma diferença entre dados do tipo *Biboy ba* 'braço de Biboy' e *ako ba* 'braço da bananeira'. No primeiro, o nome *ba* é usado em sentido literal. Já no segundo, é usado em sentido metafórico, mas continua sendo nome e não classificador.

Portanto, um nome inalienável pode ser encontrado nos seguintes contextos:

- |    |                 |   |              |
|----|-----------------|---|--------------|
| 1. | <i>Biboy ba</i> | 'braço do Biboy'                        | (SN)         |
|    | <i>Biboy bu</i> | 'dedo do Biboy'                         | (SN)         |
| 2. | <i>ako ba</i>   | 'braço ou cilindro rígido da bananeira' | (SN)         |
| 3. | <i>puy bu</i>   | 'cobra'                                 | (SN)         |
| 4. | <i>toay-bu</i>  | 'rabo'                                  | (composição) |

Desses contextos, identificamos uma função classificadora nos nomes inalienáveis presentes em 3 e 4, sendo este último exemplo de composição (cf. Quadro 3).

A seguir, propomos, então, uma discussão sobre os graus de lexicalização de combinações que envolvam os nomes de parte em Mundurukú.

## 2. GRAUS DE LEXICALIZAÇÃO ENVOLVENDO NOMES DE PARTE

Diante do observado até aqui, percebemos que há graus diferentes de lexicalização<sup>15</sup> envolvendo nomes relacionados. A fim de mostrar como um nome assume propriedades classificadoras (NFC)

<sup>15</sup> Entendemos *Lexicalização* como a mudança por meio da qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam uma **construção sintática** ou uma **formação de palavras** como uma forma nova, com propriedades formais e semânticas próprias, que não são completamente deriváveis ou previsíveis dos constituintes que a compõem (Brinton e Traugott 2005).

e qual relação se estabelece entre ele e o nome que ele classifica, propomos uma escala de lexicalização (Quadro 4), que identificará em que nível está localizada a sequência *nome + NFC*, comparando-a com as demais sequências e níveis. Com essa escala, destacamos as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas dos NFC frente aos nomes que **não** estariam desempenhando função classificadora em Mundurukú, fazendo uma síntese do que já foi dito até aqui.

Quadro 4 – Escala de lexicalização de nomes de parte: do sintagma à composição

- lexicalizado	
<b>0</b>	<p><b>Biboy ba</b> 'braço do Biboy'</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>Morfologia: o núcleo (-ba) recebe morfologia relacional;</li> <li>Sintaxe interna: constituem um sintagma nominal;</li> <li>Sintaxe externa: o núcleo participa de incorporação por repetição (menos obrigatório) e também de incorporação por subida, uma vez que o dependente pode ocupar sozinho uma função argumental; o núcleo também participa de retomadas anafóricas;</li> <li>Semântica: o núcleo é tomado em seu sentido <b>literal</b>; é nome de parte;</li> <li>Conclusão sobre o núcleo: nome independente <b>sem</b> função classificadora (grau zero de lexicalização entre ele e seu dependente).</li> </ol>
<b>1</b>	<p><b>ako ba</b> 'banana' (lit. 'cilindro.rígido ou braço da bananeira')</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>Morfologia: o núcleo (-ba) recebe morfologia relacional;</li> <li>Sintaxe interna: constituem um sintagma nominal;</li> <li>Sintaxe externa: o núcleo participa de incorporação por repetição (menos obrigatório) e também de incorporação por subida, uma vez que o dependente pode ocupar sozinho uma função argumental; o núcleo também participa de retomadas anafóricas;</li> <li>Semântica: o núcleo é tomado em seu sentido <b>metafórico</b>; mas continua sendo nome de parte;</li> <li>Conclusão sobre o núcleo: nome independente <b>sem</b> função classificadora.</li> </ol>
<b>2</b>	<p><b>puy bu</b> 'cobra' (lit. 'cobra' + 'cilíndrico e flexível')</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>Morfologia: o núcleo (-bu) recebe morfologia relacional;</li> <li>Sintaxe interna: constituem um sintagma nominal;</li> <li>Sintaxe externa: o núcleo participa de incorporação por repetição <b>(obrigatório), mas não se incorpora por subida, uma vez que o dependente não pode ocupar sozinho uma função argumental por não ter independência lexical</b>; o núcleo também participa de retomadas anafóricas;</li> <li>Semântica: o núcleo é tomado em seu sentido <b>metafórico</b>, perdeu sua autonomia lexical e <b>não é mais um nome de parte</b>;</li> <li>Conclusão sobre o núcleo: <b>nome independente com função classificadora, um NFC.</b></li> </ol>
<b>3</b>	<p><b>toay-bu</b> 'rabo' (lit. 'rabo' + 'cilíndrico e flexível')</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>Morfologia: o núcleo (-bu) <b>não</b> recebe morfologia relacional;</li> <li>Sintaxe interna: constituem um <b>composto</b>;</li> <li>Sintaxe externa: o núcleo <b>não</b> participa de incorporação; é <b>a palavra toda que se incorpora</b>; o núcleo <b>não</b> participa de retomadas anafóricas;</li> <li>Semântica: o núcleo é tomado em seu sentido <b>metafórico</b>, perdeu sua autonomia lexical e <b>não é mais nome de parte</b>;</li> <li>Conclusão sobre o núcleo: <b>nome dependente com função classificadora</b> (grau máximo de lexicalização).</li> </ol>
+ lexicalizado	

Nesse quadro, propomos a existência de quatro níveis de lexicalização de sequências do tipo *nome+nome de parte*. Nos três primeiros níveis, os nomes envolvidos formam um sintagma nominal, de tipo genitivo, cujo núcleo, um nome passível de função classificatória, é aqui tomado como tal apenas quando não participa de determinada operação morfossintática: incorporação por subida (níveis 2 e 3).

As diferenças semânticas entre os níveis também devem ser levadas em consideração na identificação do nome que está em função classificadora. Apenas quando deixa de significar nome de parte (níveis 2 e 3) é que passa a funcionar como classificador. No nível 3, um NFC forma um composto com um outro nome. Nível de poucos representantes, constituído de nomes de partes do corpo, o NFC **não** forma, como nos níveis 0, 1 e 2, um sintagma nominal com o nome que acompanha, e o composto resultante é incorporado por inteiro, diferentemente do que acontece com as sequências dos demais níveis, em que só o núcleo é incorporado (cf. Gomes 2006, 2008).

Do ponto de vista da morfologia, a tabela acima pode ser dividida em duas partes. De um lado, ficam os nomes dos níveis 0, 1 e 2; de outro, os do 3. A diferença entre esses grupos está no fato de se encontrar traços morfológicos (relacional) apenas nos três primeiros níveis. Essa divisão se dá porque só em 3 ocorre composição (cf. Quadro 3).

Em se tratando de sintaxe interna, essa mesma divisão ocorre: os nomes presentes nos níveis 0, 1 e 2 formam um sintagma nominal, estando em relação de dependente/núcleo. Já os presentes em 3 não formam um SN, mas uma palavra composta.

É na relação entre os nomes participantes das sequências e os demais constituintes da oração (sintaxe externa) que encontramos as principais diferenças entre todos os níveis apresentados. Destacamos os fenômenos de incorporação por repetição, incorporação por subida e incorporação de toda a sequência. Da incorporação por repetição, participam os núcleos presentes nos níveis 0, 1 e 2. Da incorporação por subida, participam os núcleos presentes em 0 e 1 apenas. Da incorporação da sequência inteira, participam os nomes presentes só em 3 (só se atestou até agora a sua incorporação por subida).

A conclusão é que **só os núcleos nominais presentes em 2 e 3 têm função classificadora**. Em 2, não se incorporam por subida, uma vez que o seu dependente não tem autonomia para ocupar uma posição argumental. Em 3, obrigam toda a sequência a se incorporar, uma vez que passaram a compor uma nova palavra com o seu dependente, perdendo ambos a autonomia sintática.

Uma análise da semântica presente nos níveis sugere que, quando um nome se afasta de seu sentido literal, começa a ser um forte candidato a classificador. Voltando ao grau da sequência *ako ba* (1°), em que *-ba* significa uma fruta cujo formato lembra o de um braço – um uso metafórico portanto – supomos ser este o primeiro estágio antes de um nome passar a ser usado com função efetivamente classificadora. Embora pertençam à mesma classe morfológica dos NFC, nomes como *ba*, quando representam a parte de um todo, não são tomados aqui como classificadores. É na sintaxe da frase que se encontra uma diferença entre eles e os NFC. Conforme se mostrou acima, ao contrário de um nome que está exercendo uma função classificadora, os nomes desse grau podem ser incorporados por subida. Antes de passarmos a um exemplo tipológico dos NFC (seção 4), apresentamos brevemente a sua relação com os empréstimos.

### 3. OS NOMES EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA E OS EMPRÉSTIMOS

Vários nomes em Mundurukú não se combinam com um NFC. Apesar dessa não-sistematicidade, há uma certa afinidade entre os NFC e uma classe de nomes em particular, a dos empréstimos, que são, regularmente, acompanhados de um NFC: *beyo* ‘a ‘beiju’<sup>16</sup>, *boraxa* ‘a ‘bolacha’, *barão* ‘a ‘balão’, *basia* ‘a ‘bacia’, *muketero* ‘a ‘mosquiteiro’, *kajarão* ‘a ‘caldeirão’, *igreja* ‘a ‘igreja’, *mãgera* ‘uk ‘mangueira (para água)’, *rapi* ‘ip ‘lápiz’, e outros.

O fato de empréstimos receberem um tratamento diferenciado em uma língua não é um fato novo nas línguas do mundo, sendo, possivelmente, uma forma de marcar o diferente, o estrangeiro. Essa possível marcação diferenciada de empréstimos em Mundurukú é identificada em outra parte de sua gramática: todos os empréstimos são tratados como nomes alienavelmente possuíveis (cf. Gomes 2006, seção 3.1.2).<sup>17</sup>

Assim, os empréstimos parecem gozar de um tratamento diferenciado, tanto em relação à tendência de se combinar com um NFC, quanto em relação à sua inclusão em uma classe específica de nomes, a dos alienáveis.<sup>18</sup>

Na próxima seção, fazemos uma apresentação das principais perspectivas tipológicas sobre os sistemas de classificação nominal em línguas africanas e amazônicas, a fim de averiguar em que medida o Mundurukú aproxima-se ou afasta-se delas.

### 4. TIPOLOGIA DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL E O CASO DO MUNDURUKÚ

Grinevald e Seifart (2004) destacam alguns desafios tipológicos em relação às línguas amazônicas também já ressaltados por diversos outros autores: o estudo da ordem de palavras, o da ergatividade e, claro, o estudo dos sistemas de classificação nominal, em especial os presentes nas línguas da parte oeste da Amazônia. Visto que esses sistemas são encontrados em muitas línguas não relacionadas geneticamente, para os autores as possibilidades de reconstrução de proto-sistemas são muito limitadas; daí a hipótese de difusão areal e não de origem comum, hipótese essa que não será debatida aqui.

O que nos interessa neste momento é a análise dos sistemas de classificação nominal da Amazônia frente aos da África, presente em Grinevald e Seifart (2004), realizada sob um prisma tipológico. Segundo eles, não há motivos para se considerar os sistemas amazônicos como exóticos:

The feeling was that the claimed exoticism of Amazonian systems (as, for instance, in Payne 1987, Derbyshire & Payne 1990, Aikhenvald 1994, and Aikhenvald & Green 1998) was no more than the reflection of their being the ones most recently encountered and the ones having to fit within already established typological patterns. (Grinevald & Seifart 2004: 243-244)

<sup>16</sup> Em Mense (1947), a palavra encontrada para “beiju” é *xĩn*, termo sem classificador.

<sup>17</sup> Crofts (1985:292) também sugere algo nessa direção quando discute alguns termos de parentesco: “O prefixo de posse indica que este termo é emprestado do português, mas isso não é certo”.

<sup>18</sup> Nomes recentemente formados na língua para designar objetos de outra cultura também têm tendência a apresentar uma formação com NFC: *y-a’o-bubu-’ap* ‘a ‘gravador’ [R2-voz-pegar-NMZ-R1-coisa.redonda] [lit. coisa redonda que pega a voz de alguém].

Em lugar de considerar atípicos os sistemas de classificação nominal da Amazônia, os autores propõem que eles sejam tratados como sistemas emergentes, integrados a uma tipologia de classificação nominal em que ocupariam um lado oposto ao ocupado pelos sistemas níger-congo, em um contínuo de gramaticalização (cf. Quadro 5 abaixo).

Uma das razões que levaram ao estudo comparativo entre línguas amazônicas e línguas níger-congo foi a natureza “concordante” de seus sistemas de classificação nominal, traço compartilhado por uns e outros. Um objetivo importante dessa comparação é tentar expandir a compreensão a respeito dos ciclos de vida do fenômeno da classificação nominal nas línguas do mundo.

Em relação aos estudos já realizados sobre os sistemas de classificação nominal, Grinevald e Seifart (2004) distinguem duas fases. Na primeira fase, situam os estudos de Allan (1977), que usou uma tipologia “all-inclusive” – não diferenciando sistemas de classificadores de sistemas de classes de nome – e os estudos de Payne (1990) e Derbyshire e Payne (1990), os quais acrescentam ao trabalho de Allan o sistema de classificadores de incorporação no verbo, baseando-se em Mithun (1986). Derbyshire e Payne (1990:243) afirmam que “the chief characteristic of most of the Amazonian classification systems [...] is that they cannot be labeled discretely as any one type, but are a mixture of two or all three types”.

Na segunda fase, Grinevald e Seifart (2004) situam os trabalhos de Craig (1986), Grinevald (2000), Aikhenvald (1994), Aikhenvald e Green (1998). Nessa fase, identificou-se o caso da co-existência de até 5 tipos distintos de sistemas nominais em uma mesma língua. Uma aparente profusão de morfemas classificadores em uma variedade de locais morfossintáticos diferentes e com funções diferentes torna o seu estudo difícil.

Por fim, destacamos a tipologia proposta por Grinevald (2000) *apud* Grinevald e Seifart (2004: 61):

Quadro 5 – Sistemas de classificação nominal segundo Grinevald (2000)

<i>Systems of nominal classification:</i>			
< ... lexical .....	lexico-grammatical.....	grammatical ... >	
<i>class-terms</i>	<i>CLASSIFIERS</i>	<i>noun classes/gender</i>	<i>measure terms</i>

No extremo à esquerda rotulado de “lexical”, Grinevald identifica dois tipos de sistema – “class terms” e “measure terms”, que não constituem sistemas morfossintáticos, embora produzam um efeito classificatório: (i) “class terms” – inglês: *blueberry, strawberry, boysenberry*; (ii) “measure terms” – inglês: *a pound of butter, a pound of sugar, a pound of oranges*.

No outro extremo, rotulado de “grammaticalized”, fala-se em sistemas de classe de nome e sistemas de gênero, caracterizados, por definição, como sistemas de concordância, os quais são diferenciados dos sistemas de classificadores: “The standard examples of such systems are the noun class systems of the Bantu type (...) and gender systems like those of European languages” (Grinevald e Seifart, 2004: 61).

No nível intermediário, considerado “lexico-grammatical”, encontram-se os classificadores (*classifiers*). Incluem-se aí diferentes subtipos de classificadores, identificados a partir de onde ocorrem: classificadores genitivos (construções possessivas), numerais



(sintagmas numerais ou até mesmo demonstrativos e\ou adjetivos), classificadores de nomes e classificadores de verbos; todos, com exceção do último, ocorrem dentro de sintagmas nominais. Aikhenvald (2000) sugere a existência de classificadores locativos.

Ainda segundo Grinevald e Seifart (2004:263), diferentes subtipos de classificadores exibem diferentes tipos de distinção semântica; classificadores numerais, por exemplo, sistematicamente referem-se a aspectos físicos como forma em contraste com a semântica funcional exclusiva dos classificadores genitivos (vestuário, comida, transporte, etc.), e a semântica genérica dos classificadores de nome (homens, mulheres, animais, plantas).<sup>19</sup>

Para os autores, os classificadores são menos gramaticalizados que os sistemas de classes de nomes. As línguas amazônicas estariam entre os sistemas classificadores e os sistemas de concordância (ou classes de nomes): muitas delas teriam, enfim, sistemas de classes de nome, porém com um grau bem menor de gramaticalização que os sistemas das línguas níger-congo, embora haja mais semelhanças entre elas que o revelado na literatura. Para demonstrar isso, usaram o caso do Miranha, língua da família Witoto, falada na Amazônia colombiana<sup>20</sup>. As principais características do sistema de classificação nominal do Miranha são seu caráter concordante, derivacional, individualizante e anafórico.

Abaixo, apresentamos apenas as conclusões desse estudo comparativo entre sistemas nominais africanos e amazônicos, para se mostrar, a seguir, como o Mundurukú comporta-se frente a essa perspectiva tipológica:

- i. o sistema de classificação nominal do Miranha é do tipo “noun classes” (classes de nomes), mas há também, entre as demais línguas amazônicas, sistemas de gênero ou sistemas de classificadores, tais como numerais e genitivos, embora sejam minoria;
- ii. os amazônicos são sistemas de classes de nome, mas em um estágio bem inicial de gramaticalização em comparação com as línguas da família níger-congo;
- iii. foi apontada a seguinte **semelhança** entre os sistemas africanos e amazônicos: possibilidade de os marcadores de classificação nominal estarem simultaneamente no nome, nos seus modificadores e nos verbos, dos quais seriam um argumento;
- iv. foram apontadas as seguintes **divergências**: nos sistemas africanos, (i) a morfossintáticas e é obrigatória, e (ii) não há pistas da sua origem lexical;
- v. a concordância é a principal característica dos sistemas amazônicos;
- vi. os sistemas nominais amazônicos são pouco gramaticalizados em virtude de seu alto grau de motivação semântica e de sua clara origem lexical, além de sua natureza discursiva e sua função anafórica;
- vii. portanto, para Grinevald e Seifart, há diferenças de grau e não de essência entre as línguas amazônicas e as línguas africanas no tocante aos sistemas de classificação nominais.

Já o sistema de classificação nominal do Mundurukú apresentado neste artigo participaria das seguintes características apontadas para os demais sistemas amazônicos:

<sup>19</sup> Embora o Mundurukú apresente classificadores de nomes, o significado deles diz respeito à forma.

<sup>20</sup> “Miraña is an endangered language spoken in the Colombian Amazon region near the Brazilian border; it has about 100 speakers left, none of them children, for a population of about 400 Miraña. Along with its dialectal variant Bora (cf. Thiesen & Weber forthcoming), Miraña belongs to the Witotoan language family (Aschmann 1993).” (Grinevald & Seifart, 2004: 265)



a) é um sistema de classes de nomes em um estágio emergente e pouco gramaticalizado, uma vez que: (i) os nomes que funcionam como classificadores (NFC) têm origem lexical e significados evidentes; (ii) o processo de classificação é transparente; (iii) os NFC compõem, na maioria dos casos, sintagmas nominais; e (iv) desempenham função anafórica (sobre essa última função, cf. Gomes 2007);

b) os marcadores de classificação nominal estão, simultaneamente, presentes no nome, nos verbos (incorporados quando o classificador se encontra em um argumento absoluto), e nos sintagmas nominais com pronomes quantificadores (numerais e indefinidos) e pronomes demonstrativos, sendo seu núcleo.

Com relação ao que se aponta em (b), os NFC em Mundurukú **não** estariam em processo de concordância. A sua presença nos verbos é aqui compreendida como fenômeno de incorporação nominal (cf. Gomes 2006; 2008)<sup>21</sup>. Já a ocorrência com os pronomes citados é analisada como um tipo de retomada anafórica (cf. Gomes 2006; 2007), em que os NFC constituem sintagmas independentes com os modificadores que se referem a dado nome classificado.

Embora tenha optado aqui por designar tipologicamente o sistema de classificação mundurukú como sendo de “classes de nomes”, há motivos para considerá-lo também como sistema de classificadores. Abaixo, apresentamos uma lista de critérios proposta por Dixon (1986, *apud* Grinevald 2002):

NOUN CLASSES	CLASSIFIERS
a. classify all nouns	<b>don't classify all nouns</b>
b. in a small number of classes	<b>in large(r) number</b>
c. closed system	<b>open system</b>
d. fused with other grammatical categories (number, case.)	<b>not fused</b>
<b>e. can be marked on N</b>	not marked on N itself
<b>f. in concord/agreement pattern</b>	not part of concord systems
<b>g. N assigned to one class</b>	can be to assigned to several classes
<b>h. no speaker variation</b>	possible speaker variation
<b>i. no register variation</b>	possible formal vs. informal use.

Os nomes em função classificadora do Mundurukú (NFC) têm tanto as características *a, c, d* dos **classificadores** quanto as características *e, g, h, i* das **classes nominais**<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> Enquanto no Miranha a indexação de classificadores nos verbos ocorre em linha nominativa, no Mundurukú ocorre em linha absoluta. Para Mithun (1986:379-397), esse fenômeno evidencia um sistema classificador verbo-incorporativo: morfemas que são itens lexicais incorporáveis à estrutura do sintagma verbal, os quais assinalam anaforicamente alguma característica proeminente da entidade já referida em um sintagma nominal associado, sujeito ou objeto direto do mesmo verbo, num sistema de referência cruzada.

<sup>22</sup> Em comunicação pessoal, Colette Grinevald assim diferenciou *noun classes* (*classes nominales*) de *classifiers* (*classificateurs*): “les classes nominales se manifestent d’une partie sur les noms eux mêmes et souvent ont un rôle derivationnel et en même temps on les voit dans des systemes d’accord sur les formes possessives, sur les quantificateurs, sur les verbes... Les classificateurs n’apparaissent pas sur les racines nominales et ne se trouvent en general que dans une sorte de construction (possessive ou quantitative ou sur le verbe principalement)”.

Ressaltamos, finalmente, que os nomes que desempenham função classificadora em Mundurukú são **núcleos** dos sintagmas nominais, fato não observado nos estudos tipológicos já realizados sobre sistemas de classificação nominal aqui apresentados.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. (2000). *Classifiers: A Typology of Noun Categorization Devices*. Oxford: Oxford University Press.
- ALLAN, Keith (1977). Classifiers. *Language*. 53(2): 285-311.
- BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. (2005). *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COSTA, R. N. V. (1998). *Fonologia da língua Kuruya*. Dissertação de Mestrado. Belém, Pará: Universidade Federal do Pará.
- CRAIG, Colette G. (1986) (org.). *Noun Classes and Categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- CROFTS, Marjorie (1971). Repeated morphs in Mundurukú. *Estudos sobre Línguas e Culturas Indígenas*, pp. 60-80. Brasília: SIL.
- \_\_\_\_\_.(1973). *Gramática Mundurukú*. Brasília: SIL
- \_\_\_\_\_.(1985). *Aspectos da Língua Mundurukú*. Brasília: SIL.
- DENNY, J. P. (1976). What are noun classifiers good for? In Salikoko S. Mufwene; Carol A. Walker; Sanford B. Steever (eds.). *Papers from the 12<sup>th</sup> Regional Meeting of Chicago Linguistic Society*, pp. 122-132.
- DERBYSHIRE, Desmond C.; PAYNE, Doris L. (1990). Noun Classification Systems of Amazonian Languages. In Doris L. Payne (ed.) *Amazonian Languages*, pp.242-271. Austin: University of Texas Press.
- DIXON, R. M. W. (1986). Noun Classes and Noun Classification in Typological Perspective. In C. G. Craig (ed.). *Noun Classes and Categorization*, pp. 105-112. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (1999) (eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FRIKEL, P. (1959). A agricultura dos índios Mundurukú. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, nova série, Antropologia 4. Belém.
- GOMES, Dionei M. (2006). *Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí)*. Tese de Doutorado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília.
- \_\_\_\_\_.(2007) Retomada anafórica versus concordância em Mundurukú (Tupí). In: Congresso Internacional da ABRALIN, 2007, Belo Horizonte. Anais do Congresso Internacional da ABRALIN.
- \_\_\_\_\_.(2008). Incorporação nominal em Mundurukú (Tupí). *Ameríndia. Revue d'ethnolinguistique amérindienne* 31: 19-59.
- GONÇALVES, Cristina Helena R. C.(1987). *Concordância em Mundurukú*. Campinas: Editora da UNICAMP.

- GRINEVALD, Colette (2000). A morpho-syntactic typology of classifiers. In Gunter Senft. (ed.). *Systems of Nominal Classification*, pp. 50-92. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (2004). Classifiers. In Geert Booij et al (eds.). *Morphology: An international handbook on inflection and word-formation*, vol. 2: 1016-1031. Berlin: Walter de Gruyter.
- \_\_\_\_\_; Frank Seifart (2004). Noun classes in African and Amazonian languages: towards a comparison. *Linguistic Typology* 8: 243-285.
- MARTINES, G. V. (2007). *Aspectos semânticos dos nomes classificados em Munduruku*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MENSE, H. (1947). Língua Mundurucú: Vocabulários Especiais. *Arquivos do Museu Paranaense*. 6: 107-148.
- MITHUN, Marianne (1984). The evolution of noun incorporation. *Language* 60:847-894.
- MURPHY, R. (1958). *Mundurukú Religion*. Berkeley and Los Angeles: University of California Publications in American Archaeology and Ethnology 49.
- NUNES, Patrícia V.(2000). *Princípio icônico e tratamento lexicográfico. Aplicação aos nomes da língua Mundurukú*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Brasília: Universidade de Brasília.
- PICANÇO, Gessiane (2003). Alienability and argument structure. *Rede Etnolinguística*.
- STRÖMER, C. (1932). *Die Sprache der Mundurukú*. Viena.

## ABREVIATURAS

Cf.	Conferir	DUR	Duração
CL	Classificador	R2	Indicador de determinante não-contíguo
ESF	Esferóide	RED	Reduplicação
INT	Partícula interrogativa	S	Marcador elítico de sujeito
INTS	Intensificação	SN	Sintagma nominal
IPRF	Aspecto imperfeito	SV	Sintagma verbal
LIT.	Literalmente	1	Primeira pessoa, 'eu, me'
NFC	Nome em função classificadora	12	Primeira pessoa inclusiva, 'nós, nos'
NMZ	Nominalizador	13	Primeira pessoa exclusiva, 'nós, nos'
O	Marcador elítico de objeto	2	Segunda pessoa, 'tu, te'
PL	Plural	23	Segunda pessoa plural, 'vós, vos'
PRF	Aspecto perfeito	3	Terceira pessoa, 'ele (a), eles (as)'
R1	Indicador de determinante contíguo		

Recebido 14/10/2009

Versão revista: 16/4/2010

Aceito 30/4/210